

TRANSTORNO OPOSITIVO DESAFIADOR E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES NA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA

Emanuely Cristina de Souza Nascimento ¹
Emanuelle Custodio Sousa de Carvalho ²
André Augusto Diniz Lira ³

RESUMO

Esta pesquisa é uma revisão sistemática sobre o Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) na educação, em periódicos brasileiros, considerando-se sua ocorrência e implicações nas escolas e na vida dos escolares. Foram utilizadas como fontes de pesquisa as plataformas: SCIELO, CAPES, EDUCA, PORTAL DE BUSCA INTEGRADA DA USP e PEPsic, tendo como descritor o termo Transtorno Opositivo Desafiador (TOD). Como a pesquisa sobre o TOD, em nosso meio ainda, é inicial preferimos um termo que pudesse abarcar um maior número de pesquisas. Seguimos a perspectiva de Gil (1995) sobre pesquisas bibliográficas, que estabelece leituras progressivas de aprofundamento. Inicialmente, foram encontrados 125 artigos com alguma relação com tema, evidenciada no corpo dos resumos (leitura exploratória). Nesse quadro, pouquíssimos artigos diziam respeito ao TOD de modo direto ou indireto na relação com a educação ou ensino. Após uma análise mais detida, verificamos apenas 9 trabalhos que evidenciavam uma compatibilidade maior com a proposta da pesquisa (leitura seletiva). Nos artigos selecionados, evidenciou-se relações entre o Transtorno Opositivo Desafiador e o processo de aprendizagem dos indivíduos, a inclusão escolar, a violência, o relacionamento com a família, assim como as dificuldades de obediência envolvendo o transtorno. Foi analisado também artigos que definem o TOD como uma patologia, que incluem alunos não diagnosticados, mas que possuem comportamento problema e que tratam o TOD como uma comorbidade do TDAH. Concluímos que, devido a lacuna de trabalho nesse cenário, ainda se faz necessário mais pesquisas que aprofundem a relação entre o TOD a educação.

Palavras-chave: Transtorno Opositivo Desafiador. Educação. Escolar. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo principal fazer uma revisão sistemática sobre o TOD e suas relações com a educação escolar na produção acadêmica brasileira, em artigos de

¹ Bolsista do PET Pedagogia. Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-PB, emanuelysouza58@gmail.com

² Bolsista do PET Pedagogia. Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-PB, emanuellecavalhos3@email.com;

³ Tutor do PET Pedagogia da UFCG. Doutor em Educação. Professor do PPGEd da Universidade Federal de Campina Grande – PB. andreaugustoufcg@gmail.com

periódicos. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5° ed. (DSM-V), importante e renomado manual de diagnósticos desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria, o Transtorno Opositivo Desafiador caracteriza-se como um transtorno disruptivo, assim como o transtorno explosivo intermitente, o transtorno da conduta, o transtorno da personalidade antissocial e outros. Os transtornos disruptivos, segundo o DSM-V, em geral, violam o direito dos outros, assim como normas sociais, além de caracterizar-se por emoções mal controladas. Esses transtornos, em sua maioria, iniciam-se na infância ou adolescência e raramente na fase adulta, no caso do TOD, quando crianças o transtorno é preponderante nos meninos, já na fase da adolescência e adulta as amostras em quanto ao gênero não divergem de maneira considerável.

Ainda segundo o DSM-V, os indivíduos com TOD possuem características desafiantes e problemáticas principalmente com relação a figuras de autoridades como pais e professores. Além disso, é fator de risco para o desenvolvimento de problemas como transtorno de ansiedade e depressão, suicídio, abuso de substâncias, comportamento antissocial e problemas de controle de impulso, o que pode trazer prejuízos para as relações interpessoais e intrapessoais do indivíduo que possui o transtorno.

Para esse transtorno, estão estabelecidos níveis de gravidade, o primeiro é o leve, quando o sujeito apresenta sintomas em apenas um ambiente, o segundo é moderado quando apresenta sintomas no mínimo em dois ambientes e a modalidade grave, na qual a criança ou adolescente apresenta sintomas em três ou mais ambientes. Quando as características do TOD são manifestadas em mais de um ambiente é indício de que o transtorno está ficando mais grave, assim, se aparecerem sintomas na escola, provavelmente a criança já apresentou-os também em casa, visto que é comum que se apresentem inicialmente em casa com pessoas mais próximas de seu convívio. Cabendo assim, aos professores um olhar mais atento para as demonstrações de sintomas para encaminhar o aluno para uma avaliação mais profunda e a saber como mediar e planejar atividades que possam ajudar o aluno a melhorar academicamente, visto que a maioria das pessoas com TOD possuem baixos rendimentos, e também a contribuir com as suas relações interpessoais e até mesmo intrapessoal na escola e na vida em geral, a partir da inclusão desses alunos na escola.

Um dos maiores problemas relacionados ao TOD é a questão da desobediência, do comportamento desafiador e opositivo a realizar atividades que lhes são requeridas. É essencial a abordagem da questão de como se relacionar com crianças que possuem esse transtorno, em

situações que exigem obediência. Uma delas é mostrar às crianças o curso natural daquilo que está sendo exigido, ou seja, a consequência positiva por exemplo estudar e resalta também o uso de reforços sociais como elogios para elevar a autoestima e incentivar o cumprimento do que é pedido (BUENO et al, 2010).

A família influencia de maneira incisiva no desenvolvimento e na manutenção do TOD. Renata Pesce (2009), afirma que problemas familiares como violência e maus tratos contribuem para o desenvolvimento ou agravamento dos transtornos disruptivos e entre eles o que se destaca é o Transtorno Opositivo Desafiador.

O presente trabalho justifica-se por sua importância na formação docente, inicial e continuada. Em observações, nos estágios do curso de Pedagogia da UFCG, a primeira autora verificou que professores e funcionários de escolas, em geral, não sabiam como mediar as atividades com crianças com TOD, o que acarretava também problemas de convivência com os colegas.

METODOLOGIA

Segundo Gil (2002, p. 41), a pesquisa bibliográfica é importante, pois pode:

permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

As fases de uma pesquisa bibliográfica indicadas por Gil (2002) seriam : a) escolher o tema; b) fazer um levantamento bibliográfico preliminar; c) formular o problema e elaborar o plano provisório do assunto. As leituras propostas pelo autor são em ordem: a exploratória, a seletiva, a analítica e a interpretativa. Foram utilizadas no estudo as seguintes plataformas para pesquisa sobre o tema: SCIELO, CAPES, EDUCA, Portal de busca integrada da USP e PEPSIC.

Quando realizamos a leitura exploratória para a escolha por meio do resumo e os segmentos do texto não ficavam claros, fizemos a leitura do artigo integralmente para selecioná-lo ou descartá-lo da eleição das fontes para análise. Definimos inicialmente o descritor para pesquisa nas plataformas: Transtorno opositivo desafiador. Nesse primeiro momento, surgiram

como resultados 2 artigos na SCIELO, 58 na CAPES, 1 na EDUCA, 0 na PEPSIC e 64 no Portal de busca integrada da USP. Afunilando como o mesmo termo com a exigência de que os documentos contivessem também ensino e/ou educação, os resultados diminuíram consideravelmente, nos levando a optar por analisar todos os artigos que foram resultados da primeira pesquisa com a chave mais abrangente: “transtorno opositivo desafiador”, desde que tratassem direta ou mesmo indiretamente da relação proposta, visto o baixo número de fontes.

A partir da exclusão dos documentos repetidos nas diferentes plataformas foram encontrados nas bases de dados utilizadas 48 documentos, entre esses 12 em língua estrangeira que não serão utilizados na pesquisa pois o campo abarca somente contribuições brasileiras, 27 da área da saúde incluindo psicologia e psiquiatria e apenas 9 artigos que citavam o transtorno ou tinham relação com a educação e /ou o ensino no resumo. Assim, o trabalho teve o enfoque da análise desses 9 artigos selecionados através de uma leitura analítica dos quais selecionamos 2 categorias. Uma, cita especificamente o transtorno de maneira direta e outra em que os artigos citam o TOD de maneira indireta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos inicialmente que as publicações encontradas datam a partir do ano de 2001, o que sugere que a discussão desse tema é recente no Brasil. A maioria dos artigos possuem pouco conteúdo e têm direcionamento de caráter diagnóstico clínico ou ainda, de relatos com intuito de pesquisar com base em amostras trabalhadas nas escolas, tendo crianças ou adolescentes como público alvo.

A partir da pesquisa realizada, demos seguimento no processo de análise avaliativa da bibliografia selecionada, tomando como base os textos que abrangiam dimensões da perspectiva educacional constatando que, os artigos e pesquisas acerca da temática do transtorno opositivo desafiador, são escassos, apesar de se tratar de uma temática necessária para a inclusão e bem-estar do aluno diagnosticado, assim como os outros alunos e os professores que fazem parte do convívio diário, para que o mesmo não encontre ainda mais dificuldades em sua trajetória escolar e da vida social. Após essa análise pudemos categorizar os artigos em aqueles abordam o TOD de maneira direta ou explícita, e os que trabalham a temática de forma indireta, também necessários para a composição da pesquisa, justificado por estar relacionado a educação de maneira transversal e também pela escassez de bibliografias

referentes ao Transtorno Opositivo Desafiador, permitindo uma melhor análise sobre o transtorno e sobre como se apresenta na escola.

Embora seja constatado a partir do embasamento dos textos analisados, que os mesmos possuam caráter vinculado à área educacional em um primeiro momento do estudo e devido a isso, se relacionam, notamos que as escritas também apresentam elementos distintos como a finalidade direcionadas a leitores e temas um pouco diferentes. Realizamos uma síntese com embasamento nas análises, a fim de salientar as temáticas onde entram em concordância com relação à perspectiva educacional ou um pouco fora dela e suas respectivas especificidades para que os achados fiquem mais claros.

Entre os trabalhos analisados, trouxeram informações explícitas e boas contribuições acerca do TOD e mais especificamente sobre a inclusão da pessoa com esse transtorno; “A criança com transtorno opositivo desafiador nas aulas de educação física: pressupostos inclusivos.” (ARAÚJO, F; ARAÚJO, M, 2017) e “Compreender, agir e incluir sob a ótica de Paulo Freire – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), breve análise comparativa” (CARVALHO et. al. 2021). Trazendo alguns apontamentos sobre a importância de professores conhecerem mais sobre o diagnóstico e ampliarem sua formação em um contexto mais geral de inclusão, que enxergue o aluno com transtorno assim como os outros, como sujeitos capazes, autônomos e que possuem singularidades. Além disso, ressalta-se a questão da inclusão por meio da construção de vivências com o aluno e do aluno com a turma trazendo a inclusão especificamente para o processo de aprendizagem tanto cognitiva como também de cunho afetivo e social.

Dessa forma, no artigo “A criança com transtorno opositivo desafiador nas aulas de educação física: pressupostos inclusivos.” (ARAÚJO, F; ARAÚJO, M, 2017). Nos deparamos com a situação de um aluno em uma escola no município de Vitória no Espírito Santo, onde os professores resolvem desenvolver um estudo que contribua para o envolvimento e participação do aluno nas aulas de educação física. Araújo, F e Araújo, M, tornam possível a compreensão de possíveis metodologias didáticas que destacam a necessidade de propostas pedagógicas para as crianças que possuem esse transtorno, e para que essas crianças sejam integradas ao meio escolar, assim como as outras. É importante frisar que a pesquisa também dá ênfase ao bem estar da criança que deve ser levado em conta durante a aplicação dessas atividades propostas, cabendo aos professores proporcionar meios para que as mesmas possam participar de forma integrada e igualitária.

Outro artigo destacado foi “Compreender, agir e incluir sob a ótica de Paulo Freire – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), breve análise comparativa” (CARVALHO et. al. 2021). Esse texto aborda a questão da inclusão dos alunos com TOD e TDAH a partir da visão da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, que consiste em educar para a libertação, o que exige tratar todos de maneira igualitária e compreensível de todas as diferenças, tomando por tanto, um cunho inclusivo. Esse artigo, destaca a importância, a necessidade e a possibilidade de incluir os alunos com os transtornos já citados, baseados em Paulo Freire, afirmando que não se pode aceitar formas de educação que excluem, e sim que se deve aderir a educação como inclusiva e transformadora que permita a todos os indivíduos aprenderem e constituírem-se como agentes transformadores da sociedade, com consciência política e crítica, além de democrática. Para que isso aconteça, os autores trazem a importância de que a escola consiga enxergar seu papel de agente transformador da sociedade e que “deve oferecer apoio pedagógico para que esses alunos tenham oportunidades iguais .” (CARVALHO et al, 2021. p.4), além de oferecer formações para os professores para que tenham mais conhecimentos acerca dos transtornos e sobre práticas de inclusão, para assim desenvolverem trabalhos que incluam e contemplem todos os alunos.

O TDAH é um dos transtornos mais comuns em crianças no Brasil, e as afeta principalmente na escola e muitas vezes, é associado a outros transtornos como o TOD. Por meio de pesquisas empíricas, três artigos abordavam o Transtorno Opositivo Desafiador relacionado ao TDAH, dentre eles: “Comorbidade em crianças e adolescentes com transtorno do déficit de atenção” (SOUSA et al, 2001) ; “Prevalência do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e suas comorbidades em uma amostra de escolares.”(PASTURA et al, 2007) ;“Comorbidades do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças escolares” (POSSAL et al, 2005) É comprovado que a maioria das crianças com TDAH possuem comorbidades e as mais frequentes são o Transtorno de Conduta (TC) e o TOD. Aquelas que possuem o TDAH combinado são mais propícias às comorbidades. Vale salientar que nesses escritos fica claro a necessidade de um diagnóstico correto para um melhor tratamento e maior qualidade de vida para a pessoa com os transtornos.

No artigo, “Comorbidade em crianças e adolescentes com transtorno do déficit de atenção” (SOUSA et al, 2001) pudemos observar que muitas crianças que apresentam TDAH, possuem outros transtornos comórbidos. Os autores trazem uma importante observação para a ideia de que a comorbidade precisa ser tratada e não considerada como sintoma de um transtorno já diagnosticado ou apenas como casos de crianças difíceis de lidar. Nesta pesquisa

o TC foi o mais presente, seguido do TOD, como comorbidade em crianças com TDAH utilizando critérios do DSM-IV e essas comorbidades foram mais encontradas em crianças com o transtorno do tipo hiperativo.

Outras contribuições sobre o TOD como comorbidade foram encontradas no texto “Prevalência do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e suas comorbidades em uma amostra de escolares.” (PASTURA et al, 2007). Os autores chamam atenção para o fato de que a presença de comorbidades, dificultam os diagnósticos de transtornos, assim como o tratamento do transtorno e da comorbidade. Atentando assim, como SOUSA et al, 2001, entendem que é importante realizar o diagnóstico para um tratamento eficaz que culmina em melhores condições de vida para aqueles que possuem o transtorno. Ademais, esse artigo chama atenção para o fato de que existe no Brasil, poucos estudos com amostras de escolares e isto pode está ligado ao fato de que pessoas com transtornos disruptivos saem mais cedo da escola e que, muitas vezes, por terem alguns critérios falhos para o diagnóstico baseados na cultura inglesa, muitas vezes o diagnóstico de TOD é feito de maneira errônea como transtorno de conduta (TC).

Seguindo uma mesma linha de raciocínio, o artigo “Comorbidades do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças escolares” (POSSAL et al, 2005) traz o TDAH como um dos transtornos mais comuns em crianças no Brasil, e que o mesmo afeta as crianças principalmente na escola. Muitas vezes, esse transtorno se associa a outros como o TOD. Por meio da pesquisa empírica com crianças de 3 escolas nesse artigo, foi comprovado que a maioria das crianças com TDAH possuem comorbidades e as mais frequentes são o TC e o TOD. E que assim como (SOUSA et al, 2001) aquelas que possuem o TDAH combinado são mais propícias a essas comorbidades.

Da bibliografia, três artigos abordam violência e comportamentos problemas de uma maneira mais geral, desconsiderando o diagnóstico de TOD ou de outro transtorno disruptivo focalizando apenas essa característica, alocando-se na segunda categoria que criamos como aquela em que citam o TOD de maneira indireta, sendo esses: “Desempenho Social de Pré-escolares em Situações Estruturadas: Estimativas de Mães e Professoras” (DIAS, et al, 2017); “Apoio Comportamental Positivo: Estratégias Educacionais Aplicadas a Comportamentos-Problema de Alunos”(RIOS; DENARI, 2011); “Violência e ausência de psicólogos nas escolas” (ARREGUY, 2014). Através desses textos, pudemos observar que termos como comportamento problema, são usados em casos de falta de um diagnóstico, mesmo que as

crianças apresentem comportamentos que se enquadrem com o do Transtorno Opositivo Desafiador ou de Conduta.

No artigo, “Desempenho Social de Pré-escolares em Situações Estruturadas: Estimativas de Mães e Professoras”(DIAS, et al, 2017) foi observado, a identificação de variáveis nos comportamentos, investigando também a visão dos pais e professores sobre como achavam que as crianças reagiriam a certas situações e comprovou-se que muitos pais e professores subestimam ou superestimam as crianças, o que pode ser um reforço para a manutenção desses comportamentos. Um fator que vale salientar é que, esses comportamentos influenciam na desistência da escola por conta das dificuldades nos relacionamentos sociais.

No artigo, “Apoio Comportamental Positivo: Estratégias Educacionais Aplicadas a Comportamentos-Problema de Alunos” (RIOS; DENARI, 2011) é feita uma pesquisa com diretores escolares sobre estratégias educativas comportamentais, destacando que não havia a utilização desse tipo de estratégias para substituir os comportamentos problemas, e sim, que na maioria das vezes apenas cobrava-se dos professores atitudes mais punitivas e impositivas, de modo que a escola se posicionava de forma auto excludente do mal estar que era causado ao aluno, não buscando criar medidas para incentivar os alunos a obterem melhores atitudes e comportamentos, o que destaca a necessidade de “aprimoramento na formação inicial e continuada de educadores a fim de que os mesmos possam desenvolver competências necessárias para a análise e intervenção frente aos comportamentos-problemas dos alunos.”(RIOS; DENARI, 2011, p.166).

Outra questão reforçada nas palavras de Arreguy (2014) é a da violência e dos comportamentos problema e a falta de psicólogos em escolas, um determinante que afeta diretamente no processo educativo e na convivência social no ambiente escolar. Neste artigo, Arreguy (2014) aponta para a questão de que existe uma grande mercantilização de soluções, que soam milagrosamente fornecendo as pessoas, diagnósticos sem a devida avaliação que resulta em medicalização extrema que “funcionando mais na esfera de entorpecimento para a adaptação. Muito pouco se vê investir numa emancipação política e crítica dos sujeitos em formação. (ARREGUY, 2014, p.244). O que poderia remediar através da presença de psicólogos na escola que ajudassem na reflexão acerca da temática, e a apaziguar as adversidades que geram mal-estar, que a escola por si mesma, produz.

Outro fato para o qual devemos atentar é a questão da patologia dos transtornos abordados no artigo “Ana, adolescente nota dez? Reflexões sobre a patologização do aprender”

(CARNEIRO, 2020). Nesse artigo, podemos ver o TOD de uma forma mais indireta, mas ainda assim, traz importantes contribuições com um estudo de caso onde, notou-se que a escola e a família, muitas vezes, enxergam a criança a partir apenas do transtorno ou da doença que ela possui, sem perceber, que muitas vezes, rotulam e contribuem para o surgimento de entraves e dificuldades da criança no aprendizado e no ambiente de relações sociais por diversos motivos, causando mal-estar nas crianças que já não sabem lidar com seus sentimentos muitas vezes raivosos e impulsivos, próprios do transtorno, onde ainda são culpadas por isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, que em todos os estudos, claramente está presente e confirmada a influência da família e do ambiente em que a criança vive e frequenta, sobre a gravidade e desenvolvimento do TOD. Vale salientar que foi decidido como recorte para esta pesquisa o estudo somente de artigos, ficando para pesquisas futuras o uso de outras fontes como livros, teses e dissertações. Para tanto, os critérios de escolha dos artigos se deram pela apresentação ou sinal na leitura dos textos sobre a educação e/ou o ensino, visto que o nosso campo de pesquisa foi e é especificamente a educação. Portanto, no que se refere a educação é de suma importância a formação dos professores mais profunda acerca do tema, para que assim possam desenvolver atividades e trabalhos que incluam e que possam trazer aprendizados significativos para as crianças e adolescentes nessa outra esfera da vida social além da família, afinal a vivência escolar agrega grande parte da vida e desenvolvimento dos estudantes, é importante que os trabalhos desenvolvidos através da comunidade escolar, contribuam para o crescer e desenvolver de todos, oferecendo oportunidades de aprendizados significativos. Entendemos que existe uma necessidade de mais conhecimento dos pais e professores acerca do transtorno e das especificidades que as crianças carregam, vale salientar que enxergar as especificidades nota aqui não uma atitude estigmatizante, mas sim, uma consideração de que todos os sujeitos possuem especificidades e é necessário entender quais são as das pessoas com o TOD. Além do desenvolvimento em conjunto de atividades formativas, com base na conceituação dos transtornos e das necessidades por trás dos mesmos, para os pais assim como trabalhos que fortaleçam os vínculos entre essas famílias e a escola.

Além disso, notamos que existem poucos trabalhos sobre o Transtorno Opositivo Desafiador o que traz a necessidade de pesquisas futuras de cunho qualitativo acerca do transtorno e das suas implicações na educação assim como também de pressupostos inclusivos

dessas crianças na escola e na sociedade entendendo que elas são sujeitos que possuem direitos a educação de qualidade o que imprime esforços da comunidade escolar para com essas crianças, visando contribuir para a mudança do cenário aqui encontrado no qual observamos nos estudos com amostras escolares que tinham em sua maioria, uma visão muito quantitativa acerca dos resultados procurando apenas "detectar" dentro da escola alunos com esse transtorno sem pensar para além e para os sujeitos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Fabiana Zanol. ARAÚJO, Michell Preduzzi Mendes. A criança com Transtorno Opositivo Desafiador nas aulas de educação física: pressupostos inclusivos. *Linguagens, Educação e Sociedade*. Teresina n.37, p.190-208 Ano22, jul./dez., 2017.

ARREGUY, Marília Etienne. Violência e ausência de psicólogos nas escolas. *Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 24 [1] , p. 229- 252, 2014.

BUENO, Annie Catharine Wielewicki. SANTOS, Bruna Colombo dos. MOURA, Cynthia Borges. Obediência infantil: Conceituação, Medidas Comportamentais e Resultados de Pesquisas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 203-216, abr./jun. 2010.

CARNEIRO, Cristiana. SILVA, Raisia de Paula Fernandes. Ana, adolescente nota dez? Reflexões sobre a patologização do aprender. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemporânea*. Salvador, v. 29, n. 60, p. 211-226. out./dez. 2020.

CARVALHO, Aline dos Santos Moreira de. GUIMARÃES JUNIOR, José Carlos. OLIVEIRA, Marta Martins de. ALENCAR, Katia Regina Araújo de. Compreender, agir e incluir sob a ótica de Paulo Freire – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), breve análise comparativa. *Society and Development*. v. 10, n. 16. 2021.

DIAS, Talita Pereira. PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del. PRETTE, Almir Del. Desempenho Social de Pré-escolares em Situações Estruturadas: Estimativas de Mães e Professoras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 33, p.1-9. Out. 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas. 2002.

PASTURA, Giuseppe. MATTOS, Paulo. ARAÚJO, Alexandra Pruber de Queiroz Campos. Prevalência do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e suas comorbidades em uma amostra de escolares. *Arq. Neuropsiquiatr*. v. 65, n. 4A, p. 1078-1083, 2007.

PESCE, Renata. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura, Revisão. *Ciênc. saúde coletiva*. v. 14, n. 2, abr. 2009.

POSSA, Marianne de Aguiar. SPANEMBERG, Lucas. GUARDIOLA, Ana. Comorbidades do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças escolares. *Arq. Neuropsiquiatr*, n. 63(2B), p. 479- 483, 2005



RIOS, Karyne de Souza Augusto. DENARI, Fátima Elisabeth. Apoio Comportamental Positivo: Estratégias Educacionais Aplicadas a Comportamentos-Problema de Alunos. *Psicologia: teoria e Pesquisa.*, v. 27, n. 2, p. 157-168, abr./jun, 2011.

SOUZA, Isabella. SERRA, Maria Antônia. MATTOS, Paulo. FRANCO, Vanessa Ayrão. Comorbidade em crianças e adolescentes com Transtorno do Déficit de Atenção. *Arq Neuropsiquiatr*, n. 59(2-B), p. 401- 406, 2001.